

COTIDIANO ESCOLAR: A PRESENÇA DE ELEMENTOS GÍMNICOS NAS BRINCADEIRAS INFANTIS

SCHOOL DAILY ROUTINE: THE PRESENCE OF GYMNIC ELEMENTS IN CHILDREN'S PLAY

Juliana Pizani*
Ieda Parra Barbosa-Rinaldi**

RESUMO

A pesquisa objetivou analisar os espaços brincantes de crianças em escolas do município de Maringá no tocante aos movimentos ginásticos que desenvolvem, buscando compreender sua importância para a educação física escolar. O estudo de caráter descritivo utilizou como técnica de coleta a observação sistemática durante o recreio, com o emprego de fotos, filmagens e diário de campo, que permitiram interpretar e categorizar os elementos gímnico. Os resultados indicam que elementos gímnico permeiam o brincar das crianças, mas que existe a responsabilidade da educação física escolar em possibilitar a ampliação do universo dos saberes ginásticos.

Palavras-chave: Escola. Ginástica. Infância.

INTRODUÇÃO

O universo infantil encanta por ser um período rico na diversidade de manifestações corporais. Crianças brincam de diferentes coisas, pega-pega, esconde-esconde, mãe da rua e experenciam diversas possibilidades de movimento na busca de novas descobertas que podem se dar por meio de elementos gímnico, como a estrelinha, a cambalhota, a bananeira (nomes populares dados à roda, ao rolamento e à parada de mãos).

Sobre o assunto, Snyders (1988, p.23) afirma que “há formas de cultura que são adquiridas fora da escola, fora da auto-formação metódica e teorizada, que não são frutos do trabalho, do esforço, nem de nenhum plano”, pois nascem da experiência da vida e nós as absorvemos sem perceber, posto que as buscamos a partir de nossa curiosidade e de nossos desejos. É assim que por meio do brincar a criança também produz conhecimento e demonstra interesse no que tem necessidade de aprender e que se relaciona com suas necessidades individuais e coletivas.

Entretanto, não nos convencemos que os conhecimentos que emergem da cultura infantil sejam o bastante, pois, defendemos que cabe à escola possibilitar a ampliação do universo dos saberes, sobretudo os gímnico que são foco desse estudo. Isto porque, apenas o contato com as manifestações ginásticas nas brincadeiras de rua, com os amigos ou mesmo com a família, não basta para que jovens e crianças tenham uma formação condizente com as necessidades da educação formal.

Ao refletir sobre a ginástica, como um saber da educação física escolar, percebemos que mesmo sendo um conhecimento clássico da área encontra-se praticamente ausente do espaço escolar (AYOUB, 1998; BARBOSA-RINALDI; SOUZA, 2003). Nesse sentido, faz-se necessário intervir na realidade escolar com vistas a oferecer conhecimentos historicamente produzidos e que tenham algum sentido/significado na vida dos alunos. Para tanto, de acordo com Barbosa-Rinaldi (2004, p.76), o trato com a ginástica nas aulas de educação física deve vincular-se à “realidade

* Licenciada em Educação Física. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Física Associado UEM/UEL. Bolsista da Capes.

** Professora Doutora do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá – DEF/UEM.

social e concreta do aluno para que sejam significativos para os mesmos, de modo que eles possam assimilá-los de maneira consciente e compreender os seus determinantes sócio-históricos e técnico-culturais”.

Dessa forma, quando nos referimos à ginástica como conhecimento instituído socialmente apresentamos algumas questões que nortearam nosso estudo, são elas: A ginástica se faz presente nas brincadeiras infantis? As brincadeiras podem ser utilizadas como apoio pedagógico no desenvolvimento da ginástica nas aulas de educação física? Qual o sentido/significado da ginástica como conhecimento a ser tratado na educação física escolar?

Tais questionamentos nos levaram ao desenvolvimento dessa pesquisa, no sentido de analisar os espaços brincantes de crianças em escolas do município de Maringá no tocante aos movimentos ginásticos que desenvolvem, buscando a compreensão de sua importância e de como tratá-la na educação física escolar. Para tanto, foi necessário: mapear os elementos gímnicos presentes nas brincadeiras realizadas por crianças em escolas de Maringá; e, compreender as perspectivas da ginástica, em especial da ginástica geral, como conhecimento da educação física escolar.

Com este estudo, esperamos fornecer informações àqueles que estão preocupados com as manifestações da cultura corporal na infância, bem como com a área da ginástica na educação física escolar. Buscamos favorecer possibilidades de transformações na área, haja vista que no momento atual, reflexões em torno de mudanças tornam-se necessárias entendendo que pesquisas relacionadas com a educação física escolar, e em especial a ginástica como um de seus conhecimentos, fazem parte de um processo contínuo.

O CAMINHO PERCORRIDO

Para melhor entender a cultura gímnica infantil no período escolar, percebemos a partir de incursões pelas obras de André (1995) e Bogdan e Biklen (1994), que precisaríamos estar efetivamente em contato com ela. Desse modo, elegemos para esse estudo a pesquisa do tipo descritiva que, segundo Cervo e Bervian

(1996, p. 49), “é aquela que observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los”. Para tanto, realizamos a inserção em campo em escolas do município de Maringá, utilizando-nos da técnica de observação sistemática e direta para a análise do cotidiano escolar durante o recreio. Essa técnica, segundo Gil (1991), pode ser entendida como um tipo de pesquisa descritiva, por apresentar como objetivo principal a descrição das características de um determinado fenômeno ou população.

Elegemos o recreio escolar como espaço brincante a ser observado, talvez por ainda encontrar-se preservado da realidade dos grandes centros urbanos, em que a alta criminalidade, o tráfego de veículos, os avanços tecnológicos, entre outros fatores, contribuem para a privação do brincar infantil.

O recreio escolar é um momento presente na vida de todo estudante. Acompanha-o da educação infantil à pós-graduação, sendo delineado com o passar dos anos como sendo simplesmente o intervalo das aulas. A palavra “recreio” advém, etimologicamente, do termo recreação, que segundo Ferreira (1999, p.1721) é um “período para se recrear, como, especialmente, nas escolas, o intervalo entre as aulas”, e de acordo com Cavallari e Zacarias (1994, p. 15), é “o momento, ou a circunstância que o indivíduo escolhe espontânea e deliberadamente, através do qual ele se satisfaz (sacia) seus anseios voltados ao seu lazer”.

Nesta perspectiva, entendemos que o recreio escolar faz parte do período educacional, sendo um momento de liberdade e espontaneidade que as crianças possuem para movimentar-se, explorar seu próprio corpo, descobrir novas formas gestuais, superar limites, além de ser um espaço rico pelas suas relações com a aprendizagem.

O estudo em campo foi realizado periodicamente até a saturação das informações, culminando com 35 observações, o que nos conduziu ao momento de interpretação e mapeamento dos dados coletados que foi norteado pelo referencial da área que caracteriza e classifica os elementos gímnicos. Utilizamos como base teórica a classificação proposta por Souza (1997) apresentada abaixo, que evidencia os elementos gímnicos constituintes do conteúdo específico da ginástica.

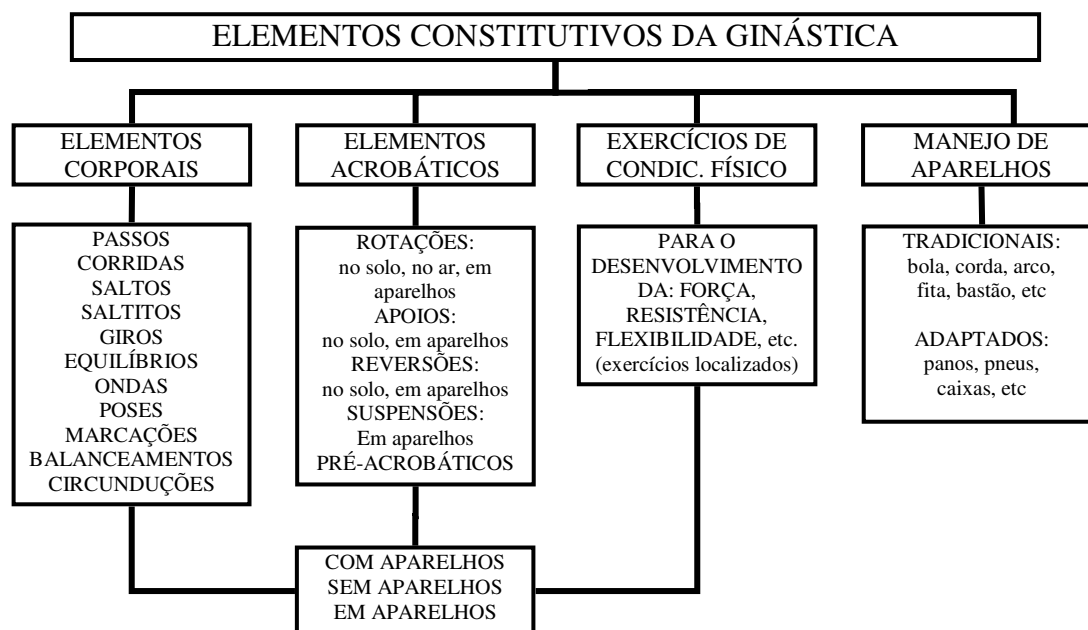


Figura 1 – Elementos constitutivos da ginástica (SOUZA, 1997, p.28).

As informações foram registradas em diário de campo, sendo utilizadas fotos e filmagens para posterior apreciação e contribuição com a fase descritiva. Vale ressaltar que as observações realizadas, no recreio escolar, permitiram o acompanhamento das brincadeiras realizadas pelas crianças, principalmente em relação aos movimentos ginásticos, sem, no entanto, interferir nas reações e realizações das atividades dos sujeitos pesquisados. Para tanto, as pesquisadoras buscaram efetivar as observações de forma discreta, sem apresentar-se como tal.

No decorrer do texto optamos por apresentar imagens que mostram crianças executando elementos gímnicos isoladamente, para melhor discutir a categorização dos movimentos. O tratamento dos dados deu-se pela transformação das informações em categorias de análise, buscando sua interpretação e interlocução com a literatura. Tal categorização não se propõe a sistematizar os elementos gímnicos encontrados no cotidiano das crianças, mas valorizar a realidade em que se configura seu tempo-espaço próprio e peculiar.

A escolha pelas escolas como espaço brincante deu-se pelo fato de ser um local em que todos se conhecem e convivem, em que as crianças encontram-se no pátio para desenvolver atividades não institucionalizadas, como o brincar, rico em simbologias e saberes a serem reconhecidos pela sociedade. As duas escolas

pesquisadas foram escolhidas de forma intencional por localizarem-se próximas à Universidade Estadual de Maringá, local onde as pesquisadoras trabalham ou estudam.

O estudo teve como sujeitos, aproximadamente 50 (cinquenta) crianças da rede pública de ensino do município de Maringá, e a escolha da amostra foi aleatória nas duas escolas. A pesquisa realizada junto ao Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá, no período de fevereiro de 2007 a fevereiro de 2008, foi aprovada pelo CONEP – Comitê Permanente de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos – sob Parecer 364/2007. Todos os pesquisados foram informados sobre a divulgação e publicação dos dados coletados no estudo, bem como foram obtidas as respectivas assinaturas dos termos de consentimento livre e esclarecido dos responsáveis dos participantes.

ELEMENTOS GÍMNICOS CONSTITUTIVOS DAS BRINCADEIRAS INFANTIS

Em nossa inserção no campo percebemos que as crianças buscam incessantemente formas de diversão, sejam elas intrínsecas ou não a ginástica; ocupando os mais diversos espaços proporcionados pela escola, como o pátio, o gramado e o barranco. É nesse tempo-espaço da

escola que nos inserimos a fim de conhecer o brincar das crianças, analisando seu cotidiano e entendendo um pouco sobre sua cultura.

Nos Quadros 1 e 2, podemos observar a síntese dos elementos gímnicos encontrados nas

brincadeiras infantis em escolas do município de Maringá no período observado, bem como se aparecem nos diferentes dias das observações, o que explicaremos na sequência.

Elementos	Quantidade de observações realizadas – Escola 1																		
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19
Gímnico/aparelhos																			
Utilização do corrimão como barra fixa	X	X	X	X											X				
Utilização do mastro da bandeira como mastro chinês					X				X	X									X
Utilização do muro como trave de equilíbrio	X														X	X	X		
Utilização árvore como barra fixa	X	X	X																
Utilização do banco (saltos)		X		X		X		X					X	X		X	X		
Utilização do banco (roda/rodante/saltos)	X		X		X				X	X	X				X				
Utilização do papelão como suporte para escorregar			X												X				
Manejo do ioiô	X	X		X												X			
Manejo da bola	X	X	X			X			X				X			X			
Manejo da corda						X													
Cavalinho	X					X		X		X	X				X				
Roda	X	X	X		X	X	X		X		X				X			X	
Rodante																X			
Salto de braço			X							X			X						
Macaquinho						X										X			
Reversão para frente									X										
Parada de mãos						X	X	X			X					X			X
Saltos		X					X	X									X		X
Saltito			X			X	X			X					X				X
Ponte								X											
Formas de andar	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Formas de corrida	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Quadro 1 – Elementos gímnicos e suas respectivas aparições na Escola 1 nos dias observados.

Elementos Gímnico/aparelhos	Quantidade de observações realizadas – Escola 2															
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
Manejo do ioiô		X		X												
Manejo da bola		X		X		X	X									
Cavalinho como elemento acrobático				X												
Roda	X				X	X		X				X	X			X
Rodante								X								
Salto de braço															X	
Macaquinho			X													
Parada de mãos		X									X	X				X
Mortal para trás			X													
Saltos			X									X		X		
Saltito	X			X		X	X		X							
Ponte										X			X			
Equilíbrio							X									
Formas de andar	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Formas de corrida	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Quadro 2 – Elementos gímnicos e suas respectivas aparições na Escola 2 nos dias observados.

Como pudemos verificar diversos foram os elementos ginásticos encontrados ao longo das 35 observações, levando-nos a perceber a riqueza da cultura gímnica das crianças. Observamos a presença de elementos acrobáticos, corporais, exploração de diferentes materiais de pequeno e grande porte, e manejo de aparelhos, elementos que, na maioria das observações, se fizeram presentes, apresentando a cada dia uma simbologia diferente permeada por características trazidas pelas próprias crianças.

Subir em árvores, por exemplo, é uma prática comum, que para muitos pode ser considerada

perigosa, coisa de criança arteira, mas para as crianças está interligada a superação de limites, sensação de realização. Elas sobem em árvores em busca do novo, do desconhecido, do desafio, da liberdade. Assim, podemos associar os movimentos encontrados na utilização da árvore aos realizados na barra fixa que é um aparelho característico da ginástica artística, utilizado para a realização de provas masculinas, pois as crianças além de treparem, também se penduram, balanceiam, fazem suspensões e saem do aparelho por meio de saltos. Isso pode ser observado a partir da Figura 2.



Figura 2 – Criança utilizando a árvore como barra fixa.

Essas travessuras podem ser também observadas na exploração de materiais, como o banco que, inicialmente, foi planejado e construído com a funcionalidade de assento, mas para as crianças, apresenta uma infinidade de possibilidades, podendo ser visto como uma plataforma, uma mesa de saltos (aparelho característico da ginástica artística, utilizado em provas femininas e masculinas) ou um obstáculo. O que pode ser verificado a partir das Figuras 3 e 4.



Figura 3 – Utilização do banco como obstáculo.



Figura 4 – Utilização do banco como mesa de saltos.

O muro, assim como a árvore, também exprime desafio. Para as crianças, é preciso ter coragem para subir no muro. O medo de altura e a necessidade de equilíbrio, por vezes, são estimulantes na busca da superação de limites, mas podem desempenhar papel contrário provocando a desistência do enfrentamento de alguns tipos de perigos que a infância oferece, mas que fazem parte de vivências que só têm a enriquecer suas vidas. Essas características também são encontradas em um aparelho oficial da ginástica artística, a trave de equilíbrio, típico das provas femininas, e tem com maior peculiaridade a alta exigência do equilíbrio, podendo ser confirmado a partir da Figura 5.



Figura 5 – Criança utilizando o muro como aparelho típico da ginástica sistematizada.

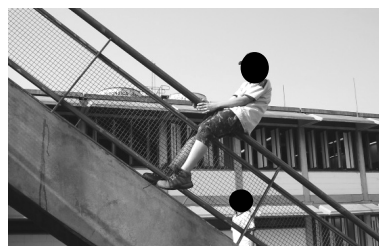


Figura 6 – Utilização do corrimão com finalidade gímnica.

Pode-se perceber que as crianças também usam instrumentos manuais para brincar, e um dos que mais fascinam é a bola. É um aparelho de fácil acesso, muito utilizado para o lazer e diversão, mas a realização dos elementos como o quicar, o rolar e o lançar são típicos da ginástica rítmica e se fizeram presentes durante o brincar. Outro brinquedo popular no universo infantil é a corda, que também é utilizada como aparelho oficial da ginástica rítmica. Pular corda é uma brincadeira divertida, que exige coordenação e condicionamento físico. Consiste em girar a corda em torno de si, fazendo-a passar por baixo dos pés e por cima da cabeça.

Com nossas observações confirmamos o que Soares et al. (1992) já afirmavam, a presença de alguns elementos da ginástica nas brincadeiras infantis. Nesta pesquisa, foi possível ver diariamente as mais graciosas e ousadas exibições de: estrelinha

(roda), plantar bananeira (parada de mãos), mortais, reversões, saltos etc., executadas por crianças das mais variadas idades e características corporais, que podem ser observadas a partir das Figuras 7, 8, e 9. Essas destrezas não são outra coisa senão o conhecimento gímnico inserido nas práticas infantis.



Figura 7 – Crianças brincando de fazer “estrelinha”.



Figura 8 – Utilização da parada de mãos como elemento brincante, com e sem ajuda.



Figura 9 – Reversão para frente realizada por uma criança ao brincar.

Quando falamos de ginástica, faz-se ainda necessário mencionar que um simples correr ou

andar também são atividades constituintes desse saber. As crianças correm porque é um movimento inerente a elas. É um ato necessário para sua diversão. Elas andam de diferentes formas, não sendo o andar apenas uma forma de deslocamento, mas sim, um jeito novo de sentir o próprio corpo.

Ao término das observações, pudemos perceber que o pátio é um ambiente rico em possibilidades que despertam nas crianças o anseio de mover-se, experimentar, descobrir, enfrentar medos, superar os limites e conhecer-se corporalmente; e com base na categorização de Souza (1997), constatamos que as quatro categorias por ela evidenciadas estão presentes no cotidiano destas crianças, embora não com os mesmos objetivos. O Quadro 3 sintetiza a classificação dos elementos gímnicos encontrados nas brincadeiras infantis:

Elementos gímnicos/aparelhos	Classificação/Elementos constitutivos da ginástica:			
	Elemento Corporal	Exercícios de condicionamento físico	Elemento Acrobático	Manejo de Aparelho
Formas de andar	X			
Árvore (trepas, pendurar, balancear e saltar)	X	X	X	
Banco (roda, rodante, saltos)	X	X	X	
Bola (rolamentos, rotações, equilíbrios instáveis, quicadas e lançamentos)				X
Cavalinho		X	X	
Corda (saltos, rotações e balanceios)	X	X		X
Corrida	X	X		
Corrimão (escorregar, pendurar, equilibrar e girar)	X	X	X	
Ioiô: movimentos característicos do aparelho				X
Macaquinho (reversão)		X	X	
Mastro (trepas, girar e escorregar)	X	X	X	
Mortal para trás		X	X	
Muro (trepas e equilibrar)	X	X	X	
Papelão (escorregar)	X			
Parada de mãos		X	X	
Ponte	X	X		
Reversão para frente		X	X	
Roda		X	X	
Rodante		X	X	
Saltito	X	X		
Salto de braço		X	X	
Saltos	X	X		

Quadro 3 – Classificação dos elementos gímnicos a partir da classificação de Souza (1997).

Dentre os elementos gímnicos mapeados pudemos constatar 39,1% de exercícios de condicionamento físico (movimentos que fazem parte do universo gímnico, bem como de outras manifestações da cultura corporal), seguidos de

28,3% de elementos acrobáticos e 26,1% de elementos corporais, enquanto o manejo de aparelhos aparece em 6,5%. Essa discrepância nos traz algumas hipóteses, de que trataremos na sequência.

Ao refletirmos sobre o exposto, percebemos que os exercícios de condicionamento físico, os elementos corporais e os elementos acrobáticos têm forte presença na ginástica praticada pelas crianças nas escolas, embora não apresentem muitas variações; porém esses dados nos levam a questionar: o que teria movido à predominância de tais elementos nessas formas lúdicas? Seria a ausência da ginástica na educação física escolar? Seria a facilidade de execução desses elementos? As reflexões que seguem apontam alguns caminhos.

Segundo Souza (1997, p.25), os exercícios de condicionamento físico podem ser entendidos como “aquisição ou manutenção da condição física do indivíduo normal e/ou atleta”. Em nossas observações encontramos elementos que podem ser classificados como tal, no entanto entendemos que as crianças não os realizam com esse objetivo. O que as leva a executar esses exercícios não é o desejo de condicionar-se fisicamente, mas sim, o de se divertir. Assim, se formos pensar no seu sentido restrito, realmente eles não deveria fazer parte do processo formal de ensino, por não provocarem liberdade e criatividade; entretanto isso não quer dizer que não possuam características necessárias a serem desenvolvidas na escola. De acordo com Barbosa-Rinaldi (2004), o importante é que não sejam trabalhados nos mesmos moldes de outros espaços de intervenção, como academias, clubes, e que se estabeleçam relações com as demais áreas de conhecimento.

Quanto aos elementos acrobáticos presentes no brincar das crianças, predomina a roda na maioria das observações, quase não aparecendo outros movimentos classificados como tal. Assim essa parece ser a prática hegemônica entre as crianças, as quais, aliás, mostram não ter conhecimento de formas diferenciadas do saber em questão. A diversidade dos movimentos gímnicos poderia ser oferecida na educação física escolar com o objetivo de ampliar o universo de conhecimento dos alunos. Poucas são as crianças que se arriscam e se desafiam em direção ao desconhecido. Muitas vezes a simples observação do movimento não é o suficiente para estimulá-las a ponto de buscarem o novo, o que nos faz entender que o ensino dessa manifestação da cultura corporal se

faz necessária nas aulas de educação física escolar.

O alto índice de elementos corporais observado nos leva à hipótese de que os alunos desconhecem a ginástica. Eles brincam com aquilo que sabem, ou com o que descobriram por meio de suas experiências corporais. Isso ocorre pelo fato de que a ginástica, de acordo com Ayoub (1998, p.122), “praticamente não existe mais na escola brasileira”. As crianças não têm acesso aos saberes gímnicos no lugar mais apropriado, ou seja, nas aulas de educação física escolar.

Segundo Barbosa-Rinaldi e Souza (2003) e Ayoub (2004), os professores alegam que as escolas não possuem instalações e materiais necessários para o desenvolvimento da ginástica, desestimulando a prática pedagógica do professor da área de educação física. Soares et al. (1992) confirmam essa ideia afirmando que quando existem esses meios, a esportivização se sobressai, fixando normas de movimento e o sexismo das provas, além de gerar a elitização da ginástica.

Dessa forma, por meio dos elementos que se fizeram presentes em nossas observações, entendemos que a ausência da ginástica na educação física escolar tem contribuído para que a relação estabelecida entre a criança e seu corpo atualmente está empobrecida. Entendemos igualmente que, embora as crianças brinquem com os elementos gímnicos, demonstrando interesse e desejo de conhecê-los, faltam-lhes conhecimentos de seus limites corporais, do que é possível ser feito e das diferentes possibilidades de movimentos gímnicos. A criança tem liberdade e autonomia para criar, mas a atual realidade escolar em que está inserida encontra-se limitada e não tem proporcionado meios para que ela recrie, descubra o novo, transformando o que já conhece e se aproximando do desconhecido.

A GINÁSTICA COMO CONHECIMENTO A SER TRATADO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

O fato de as crianças brincarem com elementos ginásticos nos leva a crer que o conhecimento gímnico é construído e faz parte da história de vida das crianças, que elas

necessitam e desejam experimentar movimentos gímnicos. Esse conhecer/produzir pode se dar de forma institucionalizada na escola, ou elas podem aprender umas com as outras, com a família e com outras pessoas.

Atualmente a educação física escolar é um tema que tem sido foco de muitas pesquisas e parece estar longe dos discursos referentes à área, pois a tendência desportiva ainda é hegemônica. Bracht (2005) explica que a hegemonia esportiva diz respeito à instrumentalização do esporte, que o torna elemento de dominação social e política e atenuante de tensões sociais, além de trazer a perspectiva do esporte-rendimento, na medida em que o esporte-lazer fica em segundo plano. O fato é que o esporte-lazer acaba por imitar o esporte-rendimento veiculado pela mídia, e o espetáculo esportivo simplesmente é consumido pela população, atingindo os diversos setores sociais, seja a rua, o pátio onde as crianças brincam ou a educação física escolar. Dessa forma, as ações que aparecem durante a prática esportiva escolar são aquelas de cunho competitivo.

Na escola não são constantes as práticas corporais em que o sensível é enaltecido por meio do lúdico, em que o brincar ainda não foi totalmente submetido às regras do mundo racional. A busca e valorização das experiências que atestam e apoiam o desenvolvimento da criação, da autonomia, da subjetividade, da liberdade, do espontâneo, etc., em geral não são comuns nas aulas de educação física, vivências em que não somos simples objetos, meras máquinas, mas sim sujeitos humanos.

No tocante a área de conhecimento da ginástica, embora o esporte seja hegemônico em meio escolar, nem mesmo as modalidades gímnicas vêm sendo contempladas de forma significativa nesse contexto. Apesar de ser citada por vários autores como um saber instituído da educação física na escola, a ginástica não encontra legitimidade dentro do sistema escolar nos dias atuais (SOARES et al., 1992; SOUZA, 1997; SOARES, 1999; BARBOSA, 1999; AYOUB, 2004). Segundo Barbosa (1999, p.101), a legitimidade desse conteúdo na escola poderia ser “entendida como a apresentação de estudos plausíveis que viabilizem sua existência, permanência ou

inclusão no currículo escolar, apoiados em uma teoria crítica da educação”. Dessa forma, a escola, na perspectiva de uma pedagogia crítica, deveria exigir coerência dos conteúdos selecionados com o objetivo de promover a leitura da realidade. “Assim, a presença da ginástica no programa se faz legítima na medida em que permite ao aluno a interpretação subjetiva das atividades ginásticas, através de um espaço amplo de liberdade para vivenciar as próprias ações corporais” (SOARES et al., 1992, p. 77).

Neste mesmo contexto, Andrade Filho, Silva e Figueiredo (2006) destacam o papel do professor, que deve ser um mediador na relação ensino-aprendizagem, além de compreender os modos próprios da criança se relacionar, pensar, agir, sentir e construir conhecimentos, favorecendo, assim, o desenvolvimento da autonomia. Tais objetivos podem ser alcançados por meio da brincadeira, pois, segundo o mesmo autor, ao brincar “as crianças desenvolvem a atenção, a imitação, a memória, a imaginação, a interação, a utilização e experimentação de regras e de papéis sociais” (ANDRADE FILHO; SILVA; FIGUEIREDO, 2006, p.80), proporcionando, a ampliação dos conhecimentos por meio de atividade lúdica.

Assim sendo, é importante que esses aspectos sejam evidenciados nas brincadeiras, de forma que não entrem em contradição com a realidade das crianças. Não é possível esquecer a importância da relação dos conhecimentos com a realidade, e o sentido/significado que eles desempenharão. Dessa forma, lançamos a seguinte reflexão: Por que não utilizar o brincar para ensinar ginástica? E, por que não ensinar ginástica nas aulas de educação física escolar se as crianças brincam com a ginástica? Uma vez que, no mundo imaginário infantil tudo é possível, a prática da ginástica culturalmente imposta como técnica pode ser explorada e vivenciada numa imensidão de possibilidades e motivação para a experimentação de seus movimentos.

Soares (1999) corrobora com o exposto ao afirmar que existem crianças que plantam bananeira, mas não fazem parada de mãos, brincam de ginástica, mas não a executam de forma sistematizada, pois rompem com as imposições do código de pontuação. Nesse

sentido, entendemos que a ginástica geral pode ser reconhecida como o caminho mais apropriado para recriarmos a ginástica na escola, pois “nela estão inscritos saberes, inclusive o saber científico. A diferença é que nela, não há apenas uma verdade, mas tantas quantas forem os corpos capazes de as exprimir” (SOARES, 1999, p. 21). Outro aspecto que nos fazem eleger a ginástica geral como especial forma de experimentação dos conhecimentos gímnicos para a educação física escolar, é que a mesma, apresenta um caráter inclusivo, respeita os limites de cada um, privilegia as potencialidades individuais e coletivas, não possui regras rígidas preestabelecidas e nem um número determinado de participantes, além de fazer uso de materiais convencionais e alternativos.

Nista-Piccolo (1995, p. 119) acrescenta que a ginástica geral não tem “[...] cunho competitivo, abrindo espaços para a participação e criação. Não possui regras rígidas e nem está condicionada a nenhuma modalidade convencional de ginástica”. Ainda de acordo com a autora essa manifestação gímica “busca atingir uma liberdade gestual em qualquer nível de complexidade, além de se basear nas experiências individuais dos alunos”. Apresenta como características a promoção do congraçamento, enfatiza o trabalho em grupo e visa resgatar elementos culturais.

Em síntese, a ginástica geral é um dos elementos da cultura corporal que deve fazer parte da educação física escolar. Aprender ginástica na escola pode apresentar um sentido próprio, significa “estudar, vivenciar, conhecer, compreender, perceber, confrontar, interpretar, problematizar, compartilhar, apreender as inúmeras interpretações da ginástica” para, embasados nesse aprendizado, “buscar novos significados e criar novas possibilidades de expressão gímica” (AYOUB, 2004, p. 87).

Assim, consideramos que a ginástica geral pode ser o caminho para vivência e experimentação, da ginástica na escola. No entanto, não deve ser a única, pois as crianças têm o direito e a escola o dever de apresentar as demais ginásticas ou mesmo as demais dimensões dos saberes gímnicos. Para tanto, faz-se necessário seguir um proposta de formação de indivíduos críticos e autônomos, que poderá possibilitar um diálogo do ser humano com o

mundo, favorecendo a liberdade de permitir novos significados aos movimentos ginásticos.

Quanto às possibilidades de trato com esse conhecimento, são vários os facilitadores para que a ginástica geral aconteça no espaço escolar, entretanto faz-se importante considerar que a metodologia utilizada deve privilegiar a concepção de que ela seja compreendida como uma manifestação da cultura corporal que considere as “diferentes interpretações das Ginásticas (natural, construída, artística, rítmica desportiva, aeróbica, etc.), integradas com outras formas de expressão corporal (dança, folclore, jogos, teatro, mímica, etc.) de forma livre e criativa”, e que respeite as características do grupo social com que se trabalhe (PÉREZ GALLARDO; SOUZA, 1996, p. 35).

Um outro aspecto é que a ginástica geral deve ser direcionada para vivência e exploração de inúmeras possibilidades de movimento e para a utilização e exploração dos recursos que o material proporciona. Também temos o fato de que a adaptação de materiais tradicionais proporciona a criatividade num desafio constante de experiências, e a utilização de materiais não tradicionais torna-se um fator propício para que a ginástica seja desenvolvida na escola, já que há facilidade em se trabalhar, pois o material está na escolha do possível, podendo ser fabricado ou buscado na própria natureza. Sendo assim, a ginástica/ginástica geral poderá se tornar um conhecimento relevante na formação dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fizemos uma discussão sobre a presença da ginástica nas brincadeiras infantis e a importância desta no processo de ensino/aprendizagem de movimentos gímnicos nas aulas de educação física escolar. E que, mesmo a ginástica não estando presente nas aulas, ela permeia as brincadeiras infantis durante o recreio deixando claro a necessidade e o desejo das crianças em fazer ginástica. Assim, uma vez que brincam, por que não podem aprender de forma institucionalizada?

Tendo em vista a problemática apresentada e considerando que a ginástica abarca saberes que os alunos têm direito de conhecer e vivenciar/experenciar, a escola tem o dever de

proporcionar que aprendam esse conhecimento. A partir desse entendimento, tomamos a ginástica geral como base para a inserção da ginástica nas aulas de educação física escolar, podendo ser uma das alternativas de mudanças tão necessárias na atualidade. Esta é uma tentativa de propor novos caminhos para que a ginástica esteja presente nas aulas de educação física escolar.

Fizemos uma busca da valorização da especificidade da realidade escolar formal, relacionando-a com o contexto não formal (brincadeiras, mais especificamente), pois entendemos que isso é uma necessidade premente do ato educativo.

Ao refletirmos sobre o desafio de utilizar o brincar como apoio pedagógico no ensino da ginástica, chegamos à conclusão de que a figura do professor é importante, porque não basta

somente retomar os elementos gímnicos que fazem parte da história de vida dos alunos, este terá também que apresentar a eles mais do que já sabem, variações dos elementos encontrados na cultura gímnica infantil e elementos novos. Para tanto, o professor deve atualizar-se constantemente.

Entendemos que o material aqui produzido poderá servir de subsídio para profissionais que venham a se enveredar por essa área e que desejam iniciar um trabalho com a ginástica em suas aulas. Finalizamos essa pesquisa com a sensação de que ao estabelecer uma relação entre a prática brincante de crianças e a prática pedagógica do professor sobre os conhecimentos gímnicos, demos mais um passo para que avanços significativos aconteçam no trato da ginástica na área da educação física escolar, embora saibamos que muito ainda precisa ser feito.

SCHOOL DAILY ROUTINE: THE PRESENCE OF GYMNIC ELEMENTS IN CHILDREN'S PLAY

ABSTRACT

The research aimed at the analysis of the spaces where the children play in schools in the municipality of Maringá, in relation to the gymnastic movements that they develop, seeking the understanding of their importance in the context of the school physical education. The study of descriptive character used as collecting technique the systematic observation during the lunch break, with the use of photos, films and field diary, which led to the purposed interpretation and categorization of the gymnastic elements. The results indicate that gymnastic elements permeate the play of children, but there is the responsibility of the school physical education in enabling the expansion of the universe of gymnastics knowledge.

Keywords: School. Gymnastics. Childhood.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE FILHO, N. F.; SILVA, R. L.; FIGUEIREDO, Z. C. C. O brincar/jogar como fenômeno transicional na construção da autonomia e da identidade da criança de zero a seis anos. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v.27, n. 02, p. 75-90, jan. 2006.
- ANDRÉ, M. E. D. A. de. *Etnografia da prática escolar*. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- AYOUB, E. *A ginástica geral na sociedade contemporânea: perspectivas para a Educação Física Escolar*. 1998. 186f. Tese (Doutorado)–Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 1998.
- AYOUB, E. *Ginástica geral e educação física escolar*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2004.
- BARBOSA RINALDI, I. P.; SOUZA, E. P. M. de. A Ginástica no percurso escolar dos ingressantes dos cursos de licenciatura em educação física da Universidade Estadual de Maringá e da Universidade Estadual de Campinas. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, SP, v. 24, n. 03, p.159-173, maio 2003.
- BARBOSA, I. P. *A ginástica nos cursos de licenciatura em educação física do estado do Paraná*. 1999. 131f. Dissertação (Mestrado)–Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, SP, 1999.
- BARBOSA-RINALDI, I. P. *A ginástica como área de conhecimento na formação profissional em educação física: encaminhamentos para uma estruturação curricular*. 2004. 232f. Tese (Doutorado)–Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 2004.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em educação*. Porto: LDA, 1994.
- BRACHT, V. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.
- CAVALLARI, R. C.; ZACARIAS, V. *Trabalhando com recreação*. 2. ed. São Paulo: Ícone, 1994.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. *Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários*. São Paulo: Mcgraw-Hill do Brasil, 1996.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GIL, A. C. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 3.ed. SP: Atlas, 1991.

GINÁSTICA GERAL, 1., 1999, Campinas, SP. **Anais...** Campinas, SP, 1999. p.19-21.

NISTA-PICCOLO, V. L. **Educação Física escolar**: ser... ou não ter? Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1995.

PÉREZ-GALLARDO, J. S.; SOUZA, E. P. M. de. Ginástica Geral: duas visões de um fenômeno. In: Ayoub, E. (Org.). **Coletânea**: textos e sínteses do I e II Encontro de Ginástica Geral. Campinas: Gráfica Central da Unicamp, 1996.

SNYDERS, G. **A alegria na escola**. São Paulo: Manole, 1988.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOARES, C. L. O corpo, o espetáculo, a ginástica. In: FÓRUM BRASILEIRO DE

SOUZA, E. P. M. de. **Ginástica geral**: uma área do conhecimento da Educação Física. 1997. 163f. Tese (Doutorado)-Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 1997.

Recebido em 22/07/2009

Revisado em 24/10/2009

Aceito em 04/11/2009

Endereço para correspondência: Ieda Parra Barbosa Rinaldi. Universidade Estadual de Maringá. Departamento de Educação Física, Av. Colombo, 5790, CEP 87020-200, Maringá-PR, Brasil. E-mail: parrarinaldi@hotmail.com